

SEVERINO BORGES

O VERDADEIRO ROMANCE DO HERÓI

JOÃO DE CALAIS



Maurício 18/7/75.
NEXEL

COLEÇÃO LUZEIRO

SEVERINO BORGES

O VERDADEIRO ROMANCE DO HERÓI JOÃO DE CALAIS

Direção de
ARLINDO PINTO DE SOUZA

Texto revisto e classificado por
HÉLIO CAVENAGHI

Capa
MAURÍCIO

Direitos adquiridos e registrados de acordo
com a lei na Biblioteca Nacional

1975



LUZEIRO EDITORA LIMITADA

RUA JOÃO BOEMER, 528 — FONE: 93-8559
CGC 43.826.643/0001 - 03018 - SÃO PAULO

F I C H A

NOME — O VERDADEIRO ROMANCE DO HERÓI JOÃO DE CALAIS

TEMA — Bravura e encantamento

AUTOR — SEVERINO BORGES

LOCAL — Sem indicação DATA — Sem indicação

ESTROFES — 157 de seis versos de sete sílabas (sextilhas)

ESQUEMA DE RIMAS — x a x a x a

OBSERVAÇÃO — As letras repetidas indicam os versos que rimam entre si. Indicam-se com "X" os versos que não rimam com nenhum outro.

FINAL — Uma estrofe em acróstico BORGES; esquema de rimas: x a x a x a.

BIOGRAFIA DO AUTOR — A presente obra é a adaptação, "versada", de um tema popular europeu, encontrado nas tradições orais da França, Itália, Espanha e Portugal. Recebeu forma literária na França, no século XVIII, quando Madalena Angélica Poisson (1684-1770) o incluiu nas suas "Les Journées Amusantes". Traduzido para o Português no mesmo século, alcançou uma extraordinária popularidade, que se mantém viva até nossos dias.

O nome LITERATURA DE CORDEL provém de Portugal e data do século XVII. Esse nome deve-se ao **cordel** ou barbante em que os folhetos ficavam pendurados, em exposição. No Nordeste brasileiro, mantiveram-se o costume e o nome, e os folhetos são expostos à venda pendurados e presos por pregadores de roupa, em barbantes esticados entre duas estacas, fixadas em caixotes.

O VERDADEIRO ROMANCE DO HERÓI JOÃO DE CALAIS

Vinde, musas que habitam
Nas regiões divinais,
Banhar-me nas santas águas
Das fontes celestiais —
Que vou contar o romance
Do herói João de Calais.

Lá, nos recônditos das Gálias,
Havia um homem abastado
O qual tinha um filho único,
Que por João era chamado —
Foi um herói que deixou
Seu nome imortalizado.

O velho pai de João
Tinha grandes cabedais.
Mandou ensinar ao filho
As artes especiais —
Terminou sendo o maior
Da cidade de Calais.

Um dia, João disse ao pai
Que queria comandar
Um grande navio de guerra,
Para nele procurar
A quadrilha de piratas
Que havia no alto mar.

Pois naquele tempo havia
 Uma quadrilha inteirada
 De laçrões no alto mar,
 Onde faziam morada,
 Roubando o que entendiam
 E nunca temiam a nada,

Eles roubavam princesas
 De reinos superiores,
 Eram homens perigosos,
 Cruéis e devoradores —
 Por isso, todos temiam
 A esses salteadores,

O pai de João Calais
 Do filho achou um bom plano
 E entregou-lhe um navio.
 João seguiu sem engano
 Atrás da pirataria,
 Na linha do Oceano.

Com um mês, João chegou
 No ponto determinado,
 Onde os piratas viviam.
 Fez logo fogo cerrado
 E, com três horas de luta,
 Deixou tudo líquidoado.

Queimou o navio deles,
 Pra ser maior sua glória,
 Não deixou um só bandido
 Para contar da história,
 E depois todos souberam
 Da sua grande vitória.

Essa notícia espalhou-se
 Em diversas Capitais,
 Seu nome foi aplaudido
 Nos maiores tribunais
 E daí veio-lhe o nome
 De herói João de Calais.

Porém quando João voltava,
 Pra sua terra querida,
 Caiu uma tempestade
 Que ele quase se líquida
 E foi sair numa ilha
 Distante e desconhecida.

A ilha tinha uma cidade
 Que João não conhecia,
 Porém ficou abismado
 Pela beleza que via —
 As árvores todas plantadas
 Em forma de simetria.

As praças todas bem feitas,
 Com palmeiras bem frondosas
 Se balançando no centro
 E lindos jardins de rosas!
 As brisas, pela tardinha,
 Sopravam mais vaporosas.

João avistou um homem
 Que estava sentado ali,
 No meio daquela praça,
 Perguntou-lhe de per si:
 — Amigo vá me dizendo:
 Que país é este aqui?

O homem lhe respondeu:
 — Moço forte, genial,
 É o Estado Florentino,
 Palmânia é a Capital —
 Um dos melhores países
 Deste globo universal.

É aqui onde reina
 O rei Florante Sabino,
 Um homem justo e honesto,
 Deste Estado Florentino.
 Aqui não mora ladrão,
 Velhaco nem assassino!

Nesse momento, João
 Foi numa praça avistando
 Uma porção de cachorros
 Grande barulho formando.
 João disse: — Eu vou saber
 Por que eles estão brigando!

Quando João de Calais
 Do frevo chegou bem junto,
 Viu que os cachorros estavam
 Formando grande conjunto,
 Desesperados, rasgando
 O corpo de um defunto.

E João, quando foi vendo
 Os cachorros nessa festa,
 Disse logo para o homem:
 — Que triste desgraça é esta!
 Como é que um rei tão bom
 Consente uma coisa desta?

O homem disse: — Eu vou
 Dar-lhe toda explicação
 Desta miséria que vê,
 Que faz cortar coração.
 Depois que ouvir de mim,
 O senhor dará razão.

Aqui, quem morre devendo,
 Sem ter jeito pra pagar,
 O rei passa logo ordem
 Pra ninguém o enterrar —
 É jogado em praça pública,
 Para os cães devorar.

É essa a ordem severa
 Do grande rei da nação:
 Qualquer que morra devendo,
 É feita esta punição,
 E por isto aqui não mora
 Nem velhaco e nem ladrão!

João ouviu aperreado
 Tudo o que o homem dizia,
 E logo pagou as contas
 Que o defunto devia.
 Então, mandou enterrar
 O corpo no mesmo dia.

Depois que todas as dívidas
 Do morto João pagou,
 Taciturno e desgostoso,
 Para seu navio voltou,
 Pensando na cena triste
 Que com ele se passou.

Quando chegou onde estava
 O seu navio ancorado,
 Encontrou outro paquete
 Perto do seu atracado —
 Era um barco de piratas,
 Que há pouco tinha chegado.

Neste barco de piratas,
 Vinham duas damas belas,
 Chorando sem ter consolo —
 E João, vendo as donzelas,
 Ficou muito impaciente,
 Por ver a tristeza delas.

João, vendo que as donzelas
 Estavam num grande pranto,
 Chamou os dois marinheiros,
 Que estavam assim num canto,
 Mandou saber por que elas
 Estavam chorando tanto.

O capitão dos piratas
 Mandou dizer a João
 Que eram duas escravas
 E as vendia em leilão.
 Se caso lhe interessassem,
 Estavam em exposição.

Para comprar as escravas
Logo João se dirigiu.
Ajustou o preço e pagou
O que o pirata pediu,
Depois para o seu navio,
Ele mesmo as conduziu.

E quando elas entraram
No navio de João,
Que tiraram o véu do rosto,
João teve certa atração —
Sentiu logo que amou
A uma de coração.

Porém João, vendo elas,
De lágrimas todas banhadas,
Disse: — Moças, se consolem
E fiquem bem sossegadas,
Doravante as senhoritas
Não serão escravizadas!

Com essa conversa, elas
Ficaram com alegria.
Então João de Calais.
Viajou no mesmo dia
Pra sua linda cidade,
Onde seu pai residia.

E com uma das escravas
Logo João simpatizou,
E ela do mesmo jeito
Por ele se apaixonou —
Foi uma corrente elétrica
Que os corações ligou!

João disse para ela:
— Queira dizer sem desdém:
Como se chama a senhora?
De qual nação é que vem?
E o nome de seu pai,
Desejo saber também!

Logo ela respondeu,
Para cumprir seu dever:
— O meu nome é Constança,
Porém vou lhe esclarecer
Que o nome de meu pai
Eu não posso lhe dizer.

Disse João: — Não me dizes,
Porque eu sou muito pobre!
Mas Constança disse: — Não,
O senhor é muito nobre,
Mas o nome de meu pai
Deixe que o tempo descubra!

João lhe disse: — Está certo,
Mas quero ser sabedor
Se me aceita por esposo —
Pois lhe tenho grande amor!
Disse Constança: — Eu aceito,
Pois sofro da mesma dor!

Na cidade de Albion,
Pertencente à Inglaterra,
João casou com Constança
Sem ninguém lhe fazer guerra.
Daí já seguiu casado,
Com destino a sua terra.

Isabel foi testemunha
Do casamento de João,
Por ser prima de Constança,
Filha da mesma nação.
Afirmou com muito gosto
Aquele santa união.

Da vida dela e Constança
Ninguém sabia o enredo —
Que elas eram princesas,
Porém Constança, com medo,
Pediou para Isabel nunca
Descobrir o tal segredo.

Ela disse a Isabel:

— Quero que tenha firmeza:
Não diga a meu esposo
Que sou de alta nobreza,
Pois não quero que ele saiba
Que eu sou a sua princesa.

Pois ele, sabendo disto,
Não quer mais viver comigo,
Por não ter sangue real.
Se me deixar é um perigo,
Porque vamos encontrar
Na vida o maior castigo!

Assim, elas concordaram
Que não se descobriria
O segredo uma da outra —
Nenhuma por si diria
Que elas eram princesas,
João de Calais não sabia.

Com um mês João chegou
Onde moravam seus pais.
O povo quando avistou
O seu navio no cais,
Todos diziam contentes:
— Vivia João de Calais!

Quando João saltou em terra,
Pelo pai foi abraçado.
João foi logo dizendo:
— Meu pai, eu voltei casado
Com uma escrava que eu
Comprei no mês atrasado!

Nesta voz o pai de João
De raiva quase estupora,
E disse logo: — Meu filho,
Então pode ir embora!
Suma-se da minha vista,
Não quero vê-lo uma hora!

Mas João disse: — Meu pai,
Nada disto me consome:
Não desprezo minha esposa,
Tenho que honrar meu nome.
Vou trabalhar alugado,
Pra ela não sofrer fome!

Por ela eu darei a vida,
Sou eu o seu braço forte —
Já que a Providência quis
Que fosse a minha consorte,
Só me separarei dela
Quando Deus mandar a morte!

Dali João retirou-se
Com sua esposa capaz,
Foi morar numa choupana
Perto da beira do cais,
Porém já fora das terras
Da cidade de Calais.

Quando completou um ano,
Que estava neste horror,
Lhe apareceu um filho
O fruto do seu amor,
Que veio tirar do seu peito
O sofrimento e a dor.

E depois o pai de João
Mandou lhe oferecer
Um navio e muitas jóias,
Para João ir vender.
Ele aceitou o negócio,
Para cumprir um dever.

Disse o velho: — Ele, aceitando,
Tem que deixar a mulher —
Um dia ele há de achar
Nela um motivo qualquer
E terá de abandoná-la,
Dê o caso no que der!

Quando João aceitou
A proposta referida,
Participou a história
A sua esposa querida —
Que dali a poucos dias
Seria sua partida.

Constança beijou chorosa
Os lábios de seu marido
E depois lhe disse: — Eu quero
Aqui fazer um pedido —
Peço até pelo amor
De nosso filho querido!

— Pode dizer o que quer!

João a ela respondeu.
Que eu garanto fazer
Qualquer um pedido seu!
Então, no mesmo momento,
Constança lhe esclareceu:

— E pra botar três retratos,
Bem pintados a pincel,
Na câmara do teu navio,
Provando um amor fiel —
O do meu filho e o meu,
E da minha prima Isabel!

E levar o teu navio,
Como prova de amizade —
Vai ao porto da Sicília,
Uma riquíssima cidade,
Porque lá encontrarás
A tua felicidade!

João chamou logo um pintor,
Dos melhores de Calais,
Mandou pintar os retratos
Com tintas especiais
E assim fez o pedido
Da sua esposa capaz.

No outro dia, João
Da mulher se despediu
E mandou largar as velas
Do seu navio e partiu —
Atrás da felicidade,
Pelo mar se dirigiu.

E, com um mês, de viagem,
Na Sicília ele chegou
E no porto de Palermo
O seu navio atracou.
Pra avistar o navio,
O povo se aglomerou.

Até o rei da Sicília
Seguiu com satisfação
Para o porto, examinar
O navio de João.
João rendeu-lhe homenagem,
Beijando do rei a mão.

O rei entrou no navio
De parelha com João,
Percorreu todos os quartos
Que tinha na embarcação —
Num quarto viu uma coisa,
Que chamou sua atenção.

Pois a coisa era os retratos
De sua filha Constança,
Com Isabel sua prima,
E no meio o da criança.
O rei pensou de tomar
Uma terrível vingança.

Saiu logo do navio,
Bastante contrariado.
Chegando na sua corte,
Mandou depressa um soldado
Buscar João de Calais preso,
Pra corte de seu reinado.

João seguiu para o reinado,
Mas com fé na Providência.
Chegando, saudou o rei,
Com ordem e obediência,
Provando que era um homem
De completa competência.

E o rei resolveu tratá-lo
Com raro zelo e carinho.
Mandou João entrar no quarto
E disse: — Meu amiguinho,
Pretendo falar consigo,
Porém num canto, sozinho.

No quarto, o rei disse: — João,
Me responda sem desvio
Uma verdade, que quero
Ver se em ti eu confio —
É sobre aqueles retratos,
Que vi lá no teu navio.

Disse João: — Um daqueles,
É de minha esposa bela,
Vai completar dois anos
Que eu me casei com ela;
O da criança, é meu filho;
O outro é da prima dela.

O rei disse: — E como foi
Que o amigo encontrou
Com essas duas donzelas
E com uma se casou?
Conte tudo direitinho,
Como o caso se passou!

Toda a história passada
João de Calais contou —
Sobre a dívida do defunto,
Que em Palmânia pagou,
Como comprou as donzelas
E com Constança casou.

O rei disse: — A verdade
É a lâmpada que mais brilha!
Portanto, João, tua história
Em tudo me maravilha:
A moça com quem casaste
É minha querida filha!

Com esta voz, João sentiu
No coração grande frieza.
Ajoelhou-se e lhe disse:
— Perdão, perdão, Vossa Alteza!
Pois casei com vossa filha,
Sem saber que era princesa!

Disse o rei: — Por isso não!
Pois nada deves temer:
O que fizeste com ela
Tenho que te agradecer,
Pois fizeste muito mais
Do que devias fazer!

Portanto, João, te levanta,
Que não há nada demais!
Vou enviar um navio,
Com todas as ordens reais,
E mandar buscar Constança
Na cidade de Calais!

O rei tinha um sobrinho
Dum coração desleal,
Chamava-se Florismundo.
Recebeu ordem real
Para seguir no navio,
Com honras de general.

Florismundo, há muito tempo
Que adorava a Constança,
Porém, quando viu João,
Perdeu a santa esperança.
Mas foi estudar um meio
De tomar uma vingança.

Assim partiu o navio,
Com João e outros mais.
O príncipe era um general,
Que tinha as ordens reais.
Com poucos dias chegaram
A cidade de Calais.

Quando chegaram em Calais,
Houve um festim de nobreza,
Porém o pai de João
Teve tamanha surpresa,
Quando soube que Constança
Da Sicília era a princesa.

E foi aos pés da nora,
Chorando pediu perdão,
Por lhe ter menosprezado
Com horrível ingratidão.
Disse Constança: — Eu te perdoo,
De todo meu coração!

Florismundo, quando viu
De Constança o rosto santo,
Beijou a mão da princesa
Com um prazer tanto, tanto,
Que o seu coração estava
Capaz de sair do canto.

E João também foi beijar
A mão de sua querida,
Mas Constança o abraçou
E o beijou em seguida.
Isto para Florismundo,
Foi um acabar de vida!

Depois disto Florismundo
Disse: — Eu preciso falar
Com a princesa Constança,
Porém em particular —
É um segredo que eu
Não posso a todos contar!

Disse Constança: — Eu protesto!
O segredo do senhor
Declare perante todos,
Seja que segredo for —
Ou conte ao meu marido,
Que é o meu superior!

O príncipe, ouvindo esta réplica,
Perdeu toda a esperança
De casar com a princesa,
Mas forjou uma vingança,
Dizendo: — Eu mato João,
No fim caso com Constança!

Então, a três dias de festa
Todos com gosto assistiram,
Da classe baixa à mais alta
Gozaram e se divertiram,
Depois João e as princesas
Para a Sicília partiram.

Seguiu João de Calais
Com sua esposa fiel,
Confiando nos prodígios
Do Santo Deus de Israel,
Na viagem, o príncipe fez-lhes
Uma tragédia cruel.

Pois o príncipe Florismundo,
Por ter um mau coração,
Preparou às escondidas
Uma horrível traição —
Porque amava a Constança
E tinha ódio de João.

Com três dias de viagem,
Caiu grande cerração:
Descia água e corisco,
Com relâmpago e trovão,
Que quase botava a pique
A real embarcação.

Estando o barco em perigo,
João tratou de manobrar
O navio, mas Florismundo,
Quando viu João passar,
Foi por detrás e jogou
João de Calais no mar.

Quando o príncipe jogou
Nas águas do oceano,
Disse muito satisfeito:
— Deu muito certo meu plano!
Sem se lembrar dos castigos
Do grande Deus soberano.

Com meia hora depois,
Tinha a cerração passado.
Dizia o príncipe consigo:
“João morreu afogado!”
Porém Deus corta a carreira
Do mal intencionado!

E Constança, quando soube
Que seu esposo João
Tinha ficado no mar,
Sentiu nessa ocasião
Quebrar-se todas as veias
Que tinha seu coração.

Com a dor ela rasgava
Com as mãos o próprio rosto.
Quase em loucura exclamava:
— Oh! vida triste, sem gosto!
Sou a caixa da amargura,
Do tormento e do desgosto!

Ela dizia, chorando:
— A vida não me convém —
Perdi meu esposo amado,
Meu cofre do sumo bem!
De jeito que ele acabou-se,
Eu vou me acabar também!

Como louca, ela exclamava:
— Tudo para mim se acabou!
O meu esposo afogou-se,
Morrer no mar também vou!
Mas Isabel, sua prima,
Com seu filhinho chegou.

O menino abriu os braços
Pra sua mamãe querida,
Como quem dizia assim:
“Não fique tão abatida!
Conserve mais por uns tempos
Os dias de sua vida!”

Ela abraçou e beijou
O seu filhinho querido,
E chegaram na Sicília
Num pranto longo e sofrido,
E deram notícia ao rei
Que João tinha morrido!

Quando o rei teve a notícia
Que João de Calais morreu,
Participou aos súditos,
Todo o povo entristeceu,
Muita gente vestiu luto
Pelo caso que se deu.

Constança e o seu filhinho
Vestiram luto fechado
E Florismundo com isto
Vivia regozijado,
Esperando ainda ser
O herdeiro do reinado.

Nesse tempo, em Siracusa,
Houve ~~uma~~ revolução
Contra a Sicília e o rei
Mandou Florismundo então,
Com um numeroso exército,
Pra defender a nação.

O príncipe enfrentou a luta,
Assim nos diz a História,
Tomou vilas e cidades,
Por fim obteve a glória —
Voltou da guerra trazendo
Os triunfos da vitória.

Quando chegou à Sicília,
Que disse tudo ao rei,
O rei disse: — Pois agora,
O teu protetor serei!
O que quiseses de mim,
Eu com gosto te darei!

Disse Florismundo: — Eu quero
É Constança em casamento —
Só é isto, que desejo,
Agora, neste momento!
Que Vossa Alteza me faça,
Sem haver impedimento!

O rei falou com Constança,
Ela disse: — Com aquele?
Prefiro antes a morte,
Do que casar-me com ele!
Meu pai, não fale em tal coisa,
Pois eu tenho ódio dele!

Disse o rei: — Mais eu te peço,
Como filha de bênção,
Que faças com Florismundo
Essa sincera união —
Por ser ele o único herdeiro
Da coroa da nação!

Disse Constança: — Eu aceito
Esta feliz amizade
Pra fazer os vossos gostos,
Mas contra a minha vontade.
Casar à força não há
Maior infelicidade!

Constança então deu o sim,
Mas de coração ferido,
Só pensando nos carinhos
De seu esposo querido —
Pois todo o mundo pensava
Que João tinha morrido.

Meu leitor, agora eu deixo
O noivo em contentamento —
Vamos ver o João de Calais,
Nas garras do sofrimento,
Veja como ele veio
Assistir ao casamento.

Pois quando o príncipe empurrou
João de Calais ao mar,
Ele encontrou uma tábua,
Nela pôde se salvar —
Com muita dificuldade,
Numa ilha foi parar.

Essa ilha era deserta
E por ninguém conhecida,
E além disso não tinha
Nem entrada nem saída,
Mas, por milagre de Deus,
Nela João achou guarida.

Dois anos João viveu
Nessa ilha inabitada,
Nesse recanto do mundo —
Que solitária morada! —
Pois em redor dessa ilha,
Só tinha água e mais nada.

Se alimentava de frutas,
Que nas árvores encontrava,
Nas horas do meio-dia
Do filhinho se lembrava,
Uma lágrima de amargura
Pelo seu rosto rolava.

Se lembrava dos carinhos
De sua esposa tão bela.
Dizia: — "Talvez um dia,
Eu tenha notícia dela!" —
Sem saber que Florismundo
Ia se casar com ela.

A lembrança de Constança
Não deixava um só momento —
E Constança, no reinado,
No auge do sofrimento,
Pois se aproximava o dia
Do seu triste casamento!

Certo dia, João estava
Inda mais desconsolado,
Quando viu surgir um vulto,
Era um homem transformado.
João de Calais, vendo ele,
Ficou bastante animado.

O homem perguntou: — João,
Por que estás tão pensativo?
João de Calais respondeu:
— Dou graças de inda estar vivo!
Escuta, que vou contar-te
Desta tristeza o motivo.

Ali João contou ao homem
A sua história passada.
O homem disse: — João,
Eu assisti à cilada
Que o príncipe fez contigo,
Naquela hora minguada!

Disse' o homem: — Eu vim dizer-te,
Porque tenho força grã,
Que a tua esposa está
Que só carneiro sem lã,
Porque Florismundo vai
Casar com ela amanhã!

João com essa conversa,
Sentiu no peito uma dor
E disse: — Oh, meu Jesus!
Foi o príncipe traidor
Que me empurrou para o mar,
Para tomar meu amor!

O homem disse: — João,
Se me deres a metade
Do teu filho, eu garanto
Levar-te até a cidade,
A fim de tu assistires
A grande festividade!

João de Calais disse: — Eu dou
Até minha própria vida,
Pra deixar-me na Sicília,
Onde está minha querida —
Pois quero saber se ela
Está de mim esquecida!

Ali João sentindo foi
Nos olhos grande fraqueza,
O homem levou-o dormindo
Para yer sua princesa.
João acordou em Sicília,
Foi importante a surpresa!

João acordou em Sicília,
Parecendo Satanás,
Sujo, rasgado e imundo,
Cabelo grande demais —
Não havia quem dissesse
Que era João de Calais!

O homem deixou João
Numa praça que havia
Bem de frente ao palácio —
Nela, um anúncio dizia
Que o príncipe Florismundo
Casava no outro dia.

João disse a uma cozinheira
Que estava necessitado
E que queria trabalhar
Para ganhar o bocado.
Mandaram ele botar água,
Para a festa do noivado.

Acharam que aquele homem
Era distinto e fiel,
Mandaram ele botar água
No quarto de Isabel,
Com isto mais aumentando
De João a dor cruel.

Isabel, que era muito
Experiente demais,
Quando João entrou no quarto,
Reparou bem seus sinais —
Conheceu perfeitamente
Que era João de Calais.

Isabel ligeiramente
Do quarto se retirou,
Foi onde estava Constança
E com ela se abraçou,
Dizendo: — Prima querida,
João de Calais chegou!

Constança, com a surpresa,
Quase sofre um acidente.
Nisto, João vinha chegando,
Maltrapilho e descontente,
Rasgado que parecia
O mais pobre penitente.

Constança reconheceu
O seu prezado marido.
Abraçou-o e disse assim:
— Oh! meu esposo querido!
Vieste tirar a dor
Deste meu peito ferido!

Constança disse: — João,
Meu tormento era profundo!
Eu já me considerava
A mais infeliz do mundo,
Porque ia me casar
Com o príncipe Florismundo!

Só faltavam duas horas
Para aumentar meu tormento,
Mas vou já mandar chamar
O meu pai neste momento —
Visto você ter chegado,
Não se faz o casamento!

Constança chamou o pai.
Logo o rei chegou vexado
Para o quarto da princesa
E, quando lá foi chegado,
Constança se apresentou,
Com João de Calais ao lado.

Disse Constança: — Meu pai,
Este é João de Calais,
Que era tido por morto
No Oceano voraz —
Agora fique ciente
Que não me casarei mais!

Então o rei disse: — João,
Você não tinha morrido?
João respondeu: — Não, senhor,
Eu apenas fui traído!
O rei disse: — Então me conte
Como foi o sucedido.

João de Calais, que estava
Com sua lembrança alerta,
Esclareceu ao rei
Uma história curta e certa,
Desde que caiu no mar
E ficou na ilha deserta.

O rei ouviu ansioso
Tudo o que João dizia.
Teve logo tanta raiva,
Que nem falar não podia.
Jurou matar Florismundo,
Antes de findar-se o dia.

Mandou chamar Florismundo.
Ele chegou apressado,
Ali o rei declarou-lhe:
— Tenho dó do seu estado —
Com a princesa Constança
Você não será casado!

O rei contou ao povo
A terrível traição
Que o príncipe Florismundo
Fez com seu genro João.
Dizia o povo: — Matai-o!
Pra ele não há perdão!

Florismundo já pensava
Ter Constança por consorte,
Quando ouviu o rei dizer-lhe:
— Não há mais quem lhe conforte —
Você vai casar agora,
Mas com a foice da morte!

O rei botou Florismundo
Dentro dum grande galpão,
Que estava cheio de fogos,
Pólvora, enxofre e alcatrão,
Depois mandou tocar fogo.
Foi horrenda a explosão!

Acabou-se Florismundo,
Naquele galpão trancado;
Pagou a sua traição
De espírito desgraçado —
É o produto que tem
O mal-intencionado.

Em menos de dez minutos,
Ele tornou-se em carvão
E a princesa Constança
Descansou o coração,
Vendo morrer Florismundo,
O espírito da traição!

Nessa hora, no palácio,
Entrou uma criatura:
Era um homem musculoso,
De agradável figura,
Diz a história que tinha
Quatro metros de altura.

Quando o homem entrou no reino,
O palácio estremeceu.
Ele perguntou a João:
— Você sabe quem sou eu?
João de Calais sabia,
Porém nada respondeu.

Disse o homem: — Eu sou aquele
Que te deu felicidade,
Te tirei daquela ilha
E de ti tive piedade —
E tu prometeste dar-me
Do teu filhinho a metade.

E agora vim saber
Se és homem verdadeiro:
Uma banda de teu filho
É o que quero primeiro,
Que só assim acredito
Que és bom e justiceiro!

O rei, com esta conversa,
De medo foi desmaiando.
Constança, por outro lado,
Num pranto se afogando.
João pegou o filho e foi
Logo ao homem entregando.

O homem pegou o menino
 E disse: — Eu agora creio
 Que és homem de palavra,
 Por isso não me aperreio.
 Pega ali na outra perna,
 Que eu vou abri-lo ao meio!

João agarrou a perna
 Do filho, com amargura.
 Nisto o homem foi botando
 Uma mão pela cintura —
 Dela tirou um facão
 Com palmo-e-meio de largura!

E ia abrir o menino,
 Porém, nesta ocasião,
 Suspendeu o braço e disse:
 — Toma teu filho, João,
 Pois já vi que és um homem
 De palavra e de ação!

E de toda a minha vida
 Quero o passado contar:
 Eu sou aquele defunto
 Que tu mandaste enterrar,
 E todas as minhas dividas
 Também mandaste pagar.

Porém eu te protegi,
 Por ordem do Criador;
 Vim pagar os teus favores,
 Pois a ti sou devedor —
 É melhor dever dinheiro,
 Do que dever um favor!

Fui eu quem te deu a tábua,
 Para a tua salvação,
 Na hora em que Florismundo
 Te fez aquela traição;
 Também te tirei da ilha —
 Cumpri a minha missão!

Agora, vou retirar-me
 Da corte deste reinado,
 E vou para o céu empíreo —
 Lá meu canto está guardado,
 Porque meu espírito agora
 Já está purificado.

E, dizendo estas palavras,
 Sumiu-se na amplidão
 E com isso o rei ficou
 Com tanta satisfação,
 Que entregou seu reinado
 A Constança e a João.

Florismundo desgraçou-se,
 Mas João ficou em paz,
 Com sua esposa querida,
 Amando-a de mais a mais.
 Aqui termina o romance
 Do herói João de Calais.

Bem feliz João ficou
 O rei muito regozijado,
 Regendo aquela nação,
 Geralmente apreciado,
 E a prima de Constança
 Sempre viveu a seu lado.

7793

dupl.

coleção luzeiro

LITERATURA DE CORDEL

Pistoleiros do Nordeste
 Princesa da Pedra Fina
 Donzela Teodora
 O Papagaio Misterioso
 A Mulher que se Casou
 18 Vezes
 A Volta de Lampião
 O Cangaceiro Isaías
 Branca de Neve e o Soldado
 Guerreiro
 Peleja Zé do Caixão com
 o Diabo
 Vicente, o Rei dos Ladrões
 Josafá e Marieta
 A Chegada de Lampião no Céu
 O Encontro de Cancão de Fogo
 com José do Telhado
 O Pavão Misterioso
 Lampião, o Rei do Cangaço
 João Acaba-Mundo
 A Chegada de Lampião no
 Inferno
 Peleja do Cego Aderaldo com
 Ze Pretinho do Tucum
 O Quengo de Pedro Malazarte
 no Fazendeiro
 Encontro de Lampião com
 Dioguinho
 João da Cruz
 Juvenal e o Dragão
 Piadas do Bocage
 O Cachorro dos Mortos
 No Tempo de Bocage

Proezas de João Grilo
 Vida e Testamento de
 Cancão de Fogo
 José de Souza Leão
 O Boi Misterioso
 Carlos e Adalgisa
 Carta do Satanás a Roberto
 Carlos
 Anedotas do Bocage
 Os Quatro Sábios do Reino
 A Vitória de Floriano
 e a Negra Feiticeira
 A Princesa Rosinha na Cova
 dos Ladrões
 Os Três Conselhos da Sorte
 João Soldado
 A Triste Sorte de Jovelina
 A Segunda Vida de Cancão
 de Fogo
 O Valente Ze Garcia
 A Marca do Zorro
 Zé Bico Doce
 Antônio Silvipo
 Os Cabras de Lampião
 O Negrão do Paraná
 A Intriga do Cachorro
 com o Gato
 Encontro de Cancão com
 Pedro Malazarte
 Zezinho e Mariquinha
 O Ente que Falou no Bucho
 da Mãe
 História do Boi Leitão
 Jerônimo, o Justiciero

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

LUZEIRO EDITORA LIMITADA

03018 - Rua João Boemer, 528 - São Paulo